

Sarney tenta manter coesão no Ministério

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O ministro Nélson Ribeiro, da Reforma e do Desenvolvimento Agrário, só se salvou desta vez porque o presidente José Sarney, às voltas ainda com os problemas da escolha dos nomes para o segundo e o terceiro nível da administração e, sentindo-se inseguro em relação às suas bases parlamentares, não quis naturalmente ampliar a área de atrito no governo.

A demissão, a esta altura, poderia fazer irromper uma crise que persiste latente nesse Ministério heterogêneo que o presidente herdou de Tancredo Neves, no qual não teve condições políticas de tocar. Aceitou-o como estava e tratou de com ele manter a melhor convivência possível. A custo vem conseguindo manter o equilíbrio entre os setores que nele se entrecrocaram, o que se reflete principalmente nas posições adotadas pelos ministros Roberto Gusmão, de um lado, e Almir Pazzianotto, de outro; entre Francisco Dornelles, de um lado, e João Sayad, de outro. Retirar agora alguma peça dessa estrutura poderia provocar uma reação em cadeia e levá-la a desmoronar.

Tudo isso o presidente Sarney deve ter pesado bem para, sofrendo a grande irritação que estava sentindo, ter recusado o pedido de exoneração que o ministro Nélson Ribeiro lhe colocou na mesa, depois de ter vindo a público esse escandaloso "erro" que foi a declaração de todo o Município de Londrina área prioritária para fins de reforma agrária. O presidente teve de, em 24 horas, voltar atrás num ato por ele próprio assinado, para corrigir esse "equivoco" do seu ministro. Mais um. Porque o presidente não havia de estar satisfeito com toda a onda de protestos que se levantou no País com a divulgação do Programa Nacional de Reforma Agrária.

E a irritação do presidente, segundo fontes palacianas, era grande porque justamente agora, à custa de tantos esclarecimentos que o governo teve de prestar sobre os seus propósitos — para desfazer a primeira impressão causada pelo impacto do programa —, ele acreditava estar conseguindo acalmar os setores da produção rural. Pois foi nesse momento que o ministro lhe aprontou mais uma, levando-o a assinar um decreto que, por 24 horas, colocou

Londrina em pé de guerra. E não foram apenas os londrinenses. Bem pode imaginar o presidente que todos os produtores rurais devem ter ficado outra vez preocupados, se é que em algum instante tivessem deixado de ficar, pois vêem que, na melhor das hipóteses, por mais que o próprio presidente Sarney procure tranquilizá-los, não se pode confiar no setor responsável pela execução.

Mas, se o ministro Nélson Ribeiro, por fatores meramente circunstanciais escapou desta vez, é quase certo que ficou na alça de mira do presidente, que deverá aproveitar a reforma de maio para dele descartar-se. Como em maio do ano que vem metade dos ministros estará deixando o governo para disputar as eleições — ou para a Constituinte ou para governos estaduais —, esse será o momento de o presidente promover uma alteração mais profunda e, afinal, constituir o seu Ministério. Até lá, salvo motivo de força maior, não lhe conviria precipitar os acontecimentos.

O Ministério, no seu todo, atualmente não está causando maior preocupação ao presidente Sarney. Na área trabalhista, cessada a fase das greves, desapareceram também os atritos — públicos, ao menos — entre os ministros Roberto Gusmão e Almir Pazzianotto. Na área econômica, as divergências, não de diagnóstico, mas de terapêutica, persistem, mas o presidente tem demonstrado que quem decide é ele. Ostará ora por um lado, ora por outro, segundo sua intuição de político e administrador indicar. Esse Ministério pode, pois, agüentar até maio.

E neste mês o presidente espera deixar resolvido outro problema que, embora devesse ter ficado na área ministerial, acabou sendo colocado também na sua mesa: o da escolha dos nomes para os níveis secundários da administração. Foi um problema que chegou às suas mãos porque, apesar de carregado de "fisiologismo", ou precisamente por essa razão, vinha e vem ameaçando as bases regionais da Aliança Democrática. É uma questão delicada que se tem arrastado desde o período da doença de Tancredo Neves. Mas Sarney acredita que quando o Congresso retomar suas atividades, em agosto, todas as nomeações já terão sido feitas e então poderá dedicar-se à consolidação da sua base de sustentação parlamentar.

A. R.